

A LUZ DO CAIXEIRO

REVISTA MENSAL DE CAIXEIROS, DOCTRINARIA, LITTERARIA E DE CRITICA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo da Granja, 5



DIRECTOR

Francisco Guimarães

Collaboradores: — Alberto Guimarães, Alexandre Teixeira Pinto, Lucio Pinto, Armando Almendra, Francisco Costa, Francisco Guimarães, Jacques Nunes, Maria Prado, Raul Guimarães, Arnaldo Guimarães e outros.

Typographia Minerva—Famalicão

SUMMARIO: — Chronica, *F. G.* — As emendas á lei do descanso semanal, *Lucio Pinto*. — O Justiceiro, trad. do *Blanco y Negro*. — Associação Commercial de Barcellos. — Propaganda e Critica, *Francisco Costa*. — Tour de force, *Jacques Nunes*. — A velha e o tragico, trad. do *Blanco y Negro*. — Ouvir Estrellas (soneto), *Olavo Bilac*. — Desdem affectado, *A. A.* — Interesses collectivos, *A. G.* — Bemvindo, *Raul Guimarães*.

Chronica

DEIO provocar uma estranha confusão entre a classe dos barbeiros o projecto de lei sobre o descanso semanal. Em reuniões e assembleias que aquella classe tem effectuado as scenas deploraveis tem succedido com frequencia, a desordem tem-se estabelecido com clara evidencia e a discrepancia de opiniões é tão manifesta que tem originado arruaças completamente censuraveis e tumultos inteiramente vergonhosos. Mal vaç aquella classe se continua a trilhar um tão escabroso caminho. Não é com esse proceder que o governo attende uma reclamação que se primentes e sem criterio que se consegue classifica de justa, nem é por processos de a sympathia da opinião publica. A historia do passado está cheia de exemplos do contraproducente resultado que dão taes procederes e do pessimo effeito que produzem no espirito do publico estes actos de nenhuma vantagem pratica. Quem ha vinte annos pede a decretação e vigoração de uma lei de tão grande alcance humanitario tem obrigação absoluta de a comprehender amplamente, de saber o dia em que, posta em pratica, mais convem aos interesses collectivos, de a solicitar ordeiramente, descrevendo e expondo as suas vantagens, apontando os seus defeitos, mas nun-

ca incoherentemente, revellando falta de solidariedade, de cohesão e de tino.

Mal ficava ás classes proletarias se todas assim se portassem ao serem beneficiadas por qualquer lei que os governantes entendessem ser conveniente pôr em pratica. Este caso isolado a que agora nos referimos evidencia nitidamente a necessidade urgente de vulgarisar, em toda a sua amplitude, a instrucção e simplificar os seus methodos de maneira a tornal-os comprehensíveis a todas as intelligencias e a todos os cerebros.

O assumpto aqui tratado é um acto significativo de atraso intellectual em que se encontra a maioria dos individuos que constituem todas as classes obreiras. Luz, muita luz, é que é preciso, para evitar arruaças e tumultos que redundam em prejuizos de quem as promove e insinua.

Não se julgue que nós, estranhos á classe dos barbeiros, vimos, impensadamente, metter foice em seára alheia. Não! Como interessados principaes e contendores mais antigos na discussão da materia só agora apreciada pelos barbeiros, nós temos auctoridade para criticar que erra e direito incontestavel de analisar detidamente as consequências mais ou menos prejudiciaes que advirão, fatalmente, d'este modo de actuar, agora adoptado pela classe dos barbeiros portuguezes. Não sabemos a opinião dos nossos collegas da imprensa caixeiral, relativa a este assumpto; é provavel, porém, que, como nós, julguem que este estado de cousas não merece o applauso de ninguem e muito menos dos nossos jornaes, que sempre tem pugnado criteriosamente pela decretação do descanso semanal, não fugindo da discussão sensata, mas repellindo sempre as insidias facciosas e perturbadoras, de qualquer individuo que se lembre de as formular. Que dirão as pessoas alheias

ao movimento associativo, e que conjecturem que nós, caixeiros, trabalhamos juntos com a classe dos barbeiros para a reivindicação do descanso semanal? Pensarão, e com motivo justificado, o que nós supporíamos estando na ignorancia da situação que sempre existiu, que sempre dividiu as duas classes n'este campo de ideias: que não tem direito a solicitar um beneficio de qualquer magnitude quem não sabe para o que elle lhe serve; que não tem a faculdade legitima de exigir uma medida de interesse colectivo uma classe que se degladia ao ser-lhe concedida essa medida.

*

Foi pobre o mez findo em factos que proporcionassem assumpto para uma chronica. Apenas nos ultimos dias do mez se dizia aqui, com insistencia, que a classe, em Braga, tentava levar a effeito manifestações de desagrado, suggeridas e motivadas pelo facto de sempre a falta de respeito, de um commerciante, pelo compromisso que expontaneamente tomara de concorrer para a estabilidade do encerramento convencional. Tornaram-se frequentes estas acções indecorosas e indignas, fructas claramente viçosas do egoismo ferroz e insensato que domina uma grande parte dos nossos collegas de hontem. Este estado caracteristico de falta de hombridade e honra está a pedir baldes de agua. Depressa esqueceram, os nossos ex-collegas, as suas afirmações de sympathia pela causa dos caixeiros.

Alguns dedicaram-se unicamente á satisfação dos seus interesses, muitas vezes inconfesaveis, e abandonaram totalmente as ideias generosas e bellas que, outr'ora, na adversidade, proclamavam e defendiam. Renegaram integralmente as suas antigas convicções, laceraram inconscientemente as melhores acções que em toda a sua vida tinham praticado. Alguns, que foram caixeiros, e que nós conhecemos ainda n'essa posição, sempre solicitos em expôr e divulgar doutrinas radicaes referentes á reivindicação immediata dos nossos Ideaes, lançam hoje ao mais absoluto desprezo as concepções que adoptaram em outros tempos, os pensamentos mais humanos que a sua dolorosa situação social fazia conceber. D'este immenso mar de lama, onde os caracteres de alguns dos nossos ex-collegas foram sossobrar, uma vaga pura e radiante apparece de tempos a tempos, cheia de belleza e de luz - simbolisa a ausencia do nosso meio colectivo, dos transfugas de nenhum escrupulo e consciencia.

F. G.

As emendas á lei do descanso semanal

No parlamento do nosso paiz continua, cerrada e vigorosa, a discussão de futilidades partidarias, de ninharias politicas, de banalidades similares, sem nenhuma utilidade concreta e positiva. A apreciação das emendas ao projecto de lei sobre o descanso semanal fica reservada para o parlamento constituido por Aca-cios, lá para o futuro anno de 1920. Bem-dita era essa que ha-de, afinal, dar á luz o tão desejado pimpolho, procreado pacientemente em longos e tormentosos trinta annos.

Soffre, em resumo, do mal que tudo affecta e domina a assembleia suprema a que chamam parlamento. Não é um mal isolado, infelizmente, mas só elle constitue o mais perigoso e prejudicial elemento para a boa regularisação do movimento social do nosso paiz. Esse tempo, que o proverbio diz ser dinheiro, esgotado em analyses a cousas banaes, em discussões de acontecimentos sem importancia, podia ser applicado na elaboração de leis que interessassem a todos, na contestura de reformas que tornassem mais suave o misero viver das classes pobres. Abandonou-se a discussão das emendas ao projecto de lei sobre o descanso semanal, para se esbanjar tempo e perder rethorica inflamada em assumptos de nenhum beneficio pratico. Em outros paizes cultos, em que a existencia atribulada e dolorosa do operario é commentada e apreciada largamente nos parlamentos, a legislação necessaria e urgente não é posta de parte sem estar devidamente fundada e prompta a entrar em execução.

O que se discutiu na assembleia suprema de Portugal apoz a lei sobre o descanso semanal? Nada, ou quasi nada.

A lei sobre a questão do Douro, que resultou infructifera; orçamentos e outras cousas phantasticas, que nada deixaram transparecer de concreto e claro. Vivemos nós n'este regimen de promessas, de programmas sobre trabalhos futuros e de indicações ácerca do que se deve fazer!

E este rebanho de cordeiros, obediente e manso, espera, silenciosamente, a realisação das suas petições, a pratica das medidas que o interessam e o dia, nunca chegado, de ser afinal attendido.

A discussão das emendas ao projecto de lei sobre o descanso semanal, essa fica para o parlamento de 1920, quando em outros paizes uma legislação mais sensata, mais sabia, mais razoavel vier substituir aquella que hoje desejamos.

LUCIO PINTO.

O Justiceiro

INFELIZMENTE, o drama consumou-se. Não se pôde negar que a nossa sociedade se renova inconscientemente, sem dar tento das leis existentes. Cada um tem a sua moral, a sua justiça, a sua religião.

Ha algumas semanas, uma senhora de vinte e dois annos, a condessa de Prémédís, foi encontrada morta, estendida no tapete do seu salão, na sua *villa* dos arredores de Nice. Tinha recebido um tiro de revolver no meio do peito.

Ter-se-hia suicidado, a condessa? Porque o teria feito?

No livro do baptismo ella tinha o nome de Martha Férier, e o Paris mundano sabia-a filha do marquez de Morenay e de uma bailarina da opera.

Estes nomes são todos suppostos; e, hoje, estando os principaes personagens em segurança, a historia pôde ser narrada sem nenhuma consequencias para um homem de sentimentos elevados, que se fez o justiceiro da sua casa.

Este homicidio passa além da moral ordinaria.

O senhor de Morenay tinha mettido a filha da bailarina n'um convento em voga. Pela sua situação e razões de familia, não podia casar com a mãe; mas, mais tarde, reconheceu a filha

Martha de Morenay era uma creança encantadora.

Nas Tulherias e nos Campos Elysios, os passeantes paravam para a olhar.

Os seus compridos cabellos, de tres tons differentes de loiro, cahiam-lhe, ondeantes, pelas costas; os olhos pareciam dois diamantes negros.

Oh! a deliciosa creaturinha, com as suas pernas nugas, o seu vestido azul, a sua touca branca!

No convento era amada até á adoração; tão verdade é que a belleza é a lei suprema. Desde a professora mais elevada á companheira mais infima, todas a enchiam de beijos e de caricias.

Terminada a sua educação, o sr. Morenay levou Martha para junto de si e deu-lhe por dama de companhia uma joven irlandeza de uma familia distinctissima, obrigada a ganhar a vida trabalhando. Martha teve os seus aposentos particulares: tres salas que deitavam para o jardim, no palacio de Morenay na rua de Saint-Guillaume. O marquez não lhe recusava nada. Ella tinha a sua carruagem com arreios de luxo para sahir a passeio, um cavallo de sella sobre o qual Martha brilhava no bosque, acompanhada ora pelo Marquez, ora por um creado com a libré dos Morenay.

No jardim do palacio, Martha tinha mandado collocar no fundo da estufa um viveiro de aves de lustrosas e coloridas plumagens, que lhe diziam as canções das grandes solidões do Brazil, do Mexico e do Senegal.

Martha preferia a estufa ao seu salão.

Passava alli os seus dias, ora tocando piano, ora percorrendo a sua bibliotheca, dada pelo marquez de Bébé; um pequeno *Bull-dog*, comprado em Londres por cem luizes, alegrava ora com as suas corridas, ora com os seus latidos, aquelle jardinsinho da sultana.

Um dia, o conde de Prémédís, que era, como de Morenay, membro de tres clubs, o *União*, o *Jockey* e o *Agricola*, foi jantar ao palacio do marquez, á rua Saint-Guillaume.

Quando vieram os charutos, Martha beijou a testa ao sr. de Morenay e recolheu aos seus aposentos.

De Prémédís, visivelmente embaraçado, disse ao dono da casa:

— Meu caro Morenay, o sr. conhece-me bem. Tenho 80:000 francos de rendimento. A minha certidão de baptismo dá-me trinta e nove annos incompletos. Estou profundamente apaixonado pela meua de Morenay, e peço-lhe a sua mão.

De Morenay soprou a cinza do charuto, tossiu ligeiramente, e respondeu:

— Reflectiu bem, meu caro Prémédís?

— Fiz commigo mesmo todos os raciocinios possíveis; calculei a differença de idades: dezenove annos! Mas jurei que á força de attentões, conseguirei dar á minha joven esposa uma alta opinião do meu amor, uma tal fé na minha abnegação, que ella não verá outra coisa senão o que deve respeito a ella ou a mim. Passado este peor transe, virão os dias melhores. Pensei que um berço poderia ser um vinculo mais para a joven da mãe... Que lhe direi? Tenho fé n'este casamento.

— Meu caro conde, disse então de Morenay, só me resta consultar minha filha. Dentro de uma hora terá a minha resposta.

O marquez levantou-se.

— Mas sabe quem era a mãe d'esta rapariga! Só ella o ignora. Não tenho senão uma coisa a dizer-lhe. Eu dei-lhe o meu nome, e o sr. dá-lhe o seu.

«Se algum dia a condessa de Prémédís faltar ao que deve á sua honra, não será o sr. o marido, que lavarás a mancha feita no seu nome: serei eu, o pae, que me encarregarei de fazer justiça. Procure ser feliz; eu velarei».

Martha, que tinha muita vez procurado o mysterio do seu nascimento e tinha apanhado, aqui e alli, fragmentos de confidencia dos indifferentes, estremeceu de alegria pensando que poderia tomar no arrabalde Saint-Germain o logar que até então tinha conquistado.

O sr. de Prémédís era ainda novo; era

admirado quando caracolava na avenida dos Acacios; tinha uma bella reputação como homem de espada; almoçava com o principe de Galles e jantava com o gran duque Casimiro.

Era muito requestado pelas mundanas mais em voga. Por tudo isto, Martha pensou que o titulo de condessa de Prémédís lhe daria entrada n'essa sociedade que não deixa forçar as suas portas.

O casamento fez-se com uma certa solemnidade, e os noivos fizeram a sua viagem de nupcias pela Italia.

No regresso, fecharam-se em Nice, onde Prémédís comprou uma *villa* nas alturas de Mont-Coron. A condessa tinha dois filhos: uma menina, a quem deram o nome de Martha Ironne, e mais tarde um futuro membro de Jokey Club, que recebeu o nome de Thiago Raul.

O amor ao conde de Prémédís por sua mulher não se tinha desmentido um só instante.

*

O hypnotismo é de invenção moderna e não levou muito tempo que fizesse rapidos e importantes progressos.

E' um estado nervoso, definido, que se póde observar em determinadas condições nervosas.

Fazia reserva de um meio de acção de ordem mental, operando sobre a imaginação, emquanto Braid usava de uma acção puramente physica. A estas theorias veio acrescentar-se uma terceira: a da propriedade physiologica da suggestão.

A suggestão é toda a historia da humanidade.

Uma noite, no theatro italiano, Martha sentiu-se perturbada. A sua vista escureceu de repente, sentiu como um grande fogo na cabeça e atirou fóra o ramo de flôres que tinha posto no rebordo do camarote, attribuindo ao perfume muito forte das violetas e dos *resingds*, aquella indisposição passageira.

Mas erguendo os olhos, viu em frente de si, olhando-a fixamente, o principe de San Vital que, mais de uma vez, nos bailés, tinha dançado com ella.

San Vital tinha 30 annos, tinha esse encarnado italiano que se torna branco sob a luz de uma vela e os olhos eram admiravelmente negros...

Desde aquella noite, Martha fez tudo quanto San Vital quiz; obedecia-lhe sem saber porque; não vivia senão da sua presença ou da sua recordação, quando o não tinha junto d'ella.

Deu-lhe tudo—a sua alma e o seu corpo.

Um dia, o sr. de Morenay entrou na *villa* de Monte-Coron.

Para entrar, esperou que o sr. de Prémédís tivesse sahido. De Morenay despediu

todos os creados: depois, entrando na sala onde estava a filha, ficou de pé deante d'ella.

—Meu pae! exclamou a condessa empallidecendo.

—Não, o seu juiz. «Se um dia a condessa de Prémédís faltar ao que deve á sua honra, não será o snr., disse a seu marido, que lavará a injuria feita ao seu nome; se-rei eu, o pae, que me encarregarei de fazer justiça.

Seja feliz, eu velarei!»

Martha, aterrada, tremula, cahiu de joelhos e murmurou.

Perdão!

—Não ha perdão possivel—respondeu o marquez com voz forte.—Martha Férier, filha de uma mãe impura, cujo sangue lhe corre ainda nas veias, não podia desmentir essa origem!

—Martha tinha-se levantado.

—Em nome de meu filho, perdão!

Perdão!

O marquez fez fogo e a douzella, ferida em pleno peito, cahiu no tapete.

Quando, uma hora depois, o snr. de Prémédís entrou em casa, ficou surprehendido de se encontrar sem porteiro nem creados. Entrou na sala e vendo o marquez que caminhava ao seu encontro, perguntou:

—Que aconteceu?

Com um gesto, de Morenay mostrou-lhe o corpo da condessa extendido no tapete.

O conde deu um grito; ajoelhou, poz a mão no coração de Martha, agarrou-a convulsamente nos braços, chamando-a, supplicando-lhe que voltasse á vida.

—Martha—disse o marquez gravemente—tinha manchado o vosso nome.

Cumpri a minha palavra, conde.

Lavei a lama com o sangue.

—Ah! —exclamou de Prémédís—que foi fazer?

E acrescentou, em meio de um soluço que lhe sahiu do mais fundo do peito:

—Eu ter-lhe-hia perdoado!...

No andar de cima, uma voz plangente de creança, clamava:

Mamã! mamã!

(Do *Blanco y Negro*).

Associação Commercial de Barcellos

D'esta prestante collectividade recebemos um exemplar dos seus elaborados estatutos.

Muito agradecidos pela honra da offerta.

Propaganda e Critica

COM o raiar serenamente dôce e consolador da alvorada rubra que a lei do descanso em breve proporcionará á nossa classe, a maior parte dos meus collegas, aquella parte que não raciocina e que se não preocupa com a descoberta do radio e o invento do Padre Hymalaia, está satisfeita e contente porque o conseguimento d'aquella regalia satisfaz pleuamente e completamente os seus desejos. As suas aspirações terminam alli. A lei do descanso é o posto terminus da sua longa caminhada de anceios e contrariedades. Um dia livre, vinte e quatro horas de liberdade completa para quem, até agora, não tinha apenas uma, é a chegada ao ponto desejado para que se jornadaia ha boas dezenas d'annos.

Alguns membros d'essa parte, que é a nossa vergonha e que representa a escoria, o joio, a lama, a imundicie, pensam já nas orgias e nos divertimentos futuros. Chegaram ao ponto culminante, ao cume da serra, sem pó no fato e sem suor no rosto. Não se preocuparam durante a trabalhosa travessia do oceano indomito das luctas e das contrariedades. Alguem conduziu a jangada, alguem d'alma grande e coração magnanimo a levou a porto de salvamento por entre as rochas bravias das difficuldades, torrando o rosto ao sol ardente de invejosos odios e envelhecendo o espirito, calcinando os labios, arroxendo as orbitas ao reledo de longas noites de insomnias e de amargas luctas.

A nossa classe compõe-se de tres partes distinctas: a dos luctadores que trabalham e soffrem; a dos indifferentes que esperam e soffrem sem uma revolta; e a dos pedantes que não trabalham, mas estorvam, que não vivem, mas vejetam, que calumniam, que infamam, que, em summa, são aquelles que passaram o oceano sem a bofetada d'uma vaga e subiram a serra á sombra dos que luctam, dos que revolucionam, dos que, na cruzada do bem, a caminho da liberdade e do progresso, seguem o caminho recto, embora coalhado de pedras e rodeado de espinhos.

Esta parte, que constitue uma fracção da sociedade pôdre, deve ser banida, pouco a pouco, do seio da classe. A caminho da luz radiante que tornará menos densas as sombras que envolvem nossos espiritos, devem partir só os impollutos. Os outros que fiquem para o lado. Que estudem, que raciocinem, que lapideem o espirito, que se façam bons procurando exemplos, que se regenerem e que appareçam, então, limpos, de vontade firme, de alma candida, de coração grande, sem odios, sem invejas, para luctarem, como irmãos, a par dos que

revolucionam sedentos de liberdade, de luz e de justiça.

A lei do descanso não é o posto terminus das nossas aspirações. E' antes o primeiro porto de escala. Porque tal facto apenas representa o inicio da conquista dos nossos direitos.

Após o descanso ha um grande numero de questões a resolver. A nossa classe é uma das que mais necessitam de se desenvolver e de estudar. Criem-se aulas nas nossas associações. Chamem-se a ellas os que mais necessitam de instrucção e eduquemo-nos uns aos outros.

Grande numero dos nossos collegas desconhecem por completo os principios mais rudimentares d'uma educação exemplar.

E é este um dos nossos peiores males, porque um homem mal educado não pôde desempenhar devidamente na sociedade o papel que o destino lhe preparou.

Ha muitos meios de progredir. Procurem-se os melhores e os mais ferteis. Pedir descanso para orgias e divertimentos desairosos é o mesmo que destamparmos um poço de lama e precipitarmos-nos n'elle.

Um dia de folga entre cada sete de arduo trabalho, como é o do balcão e o do escriptorio, é necessario ao organismo como o ar e a luz. Mas se n'esse dia se praticarem excessos de qualquer natureza, se as orgias forem demasiadas, se não houver um certo regimen, um certo methodo para todos os actos da vida, o corpo, acostumado á reclusão e ao ar fetido do estabelecimento, succumbirá a par da alma que se tornará de lama e do espirito que retrogradará.

Ha muito que dizer sobre estes assumptos. Prosequirei quando o tempo m'o permittir.

30—III—907.

FRANCISCO COSTA.

Tour de force

CHAMO-LHE assim porque o é realmente.

Collegas ha que collocando acima dos sacrificios pessoas e monetarios o prestigio da classe, fundam um jornal que a defenda e eleve á altura que deve occupar na sociedade; e a classe—triste é dizel-o—por indifferentismo, ignorancia ou não sei o quê, desampara a iniciativa não assignando o jornal e o que é ainda mais condemnavel, por vezes recebe-o e não o paga.

Eis porque eu chamo *tour de force* ao apparecimento da «Luz do Caixeiro», fazendo ao mesmo tempo sinceros votos pela completa acceitação que deve ter da classe; como é de inteira justiça.

Braga.

JACQUES NUNES.

A velha e o tragico

CONHECI uma velha que tinha uma figura de fuinha, bandós á virgem e um par d'oculos azues. Habitava em Batignolles uma pequena casa, d'onde nunca quizera mudar-se porque allí lhe tinha morrido o papagaio,—que não era nenhum imbecil, porque falava duas linguas: a lingua franceza e a sua linguagem natural.

Entretanto, não se podia allí viver, porque no mesmo patamar, do outro lado, havia um atelier de pintor; e quando ha pintores que habitam o mesmo patamar de uma velha que tem uma figura de fuinha e oculos azues, esta está infallivelmente votada ás mais endiabradas partidas.

Assim, um dia era uma campainhada: a velha corria á porta, para abrir, e achava-se na presença do esqueleto que servia para os estudos de anatomia, que, envolvido n'uma capa á hespanhola, com a mão na anca e um cigarro acceso nos dentes, esperava sorrindo com o seu eterno sorriso. Outras vezes, eram cartas que a velhota recebia annunciando-lhe ricas heranças ou a sorte grande.

Foi, pois, com um immenso allivio que ella soube um bello dia que o senhorio tinha despedido os seus terriveis visinhos, por estes se terem esquecido de lhe pagar cinco mezes de renda.

A velha, a partir d'este momento, viveu em continuos transes preparatorios até ao dia em que notou que o atelier estava outra vez occupado.

Espreitou pela porta entreaberta a mudança do inquilino, mas não viu o mais pequeno quadro nem um unico cavallette: evidentemente não era um pintor que ia morar para allí, mas era talvez um esculptor. A velha, esmagada sob o peso do receio, foi ao cubiculo da porteira para saber noticias.

Encontrou-se lá com o novo inquilino: era um rapaz, solido como uma locomotiva e negro como um charuto; falava como um trovão e tinha, sobretudo, uma cabeça de uma energia selvagem e terrivel, com cabellos emmaranhados como uma intriga de Sardou, olhos brilhantes como dois pharoes e a maxila inferior saliente como para morder. Havia n'aquella cabeça alguma coisa de um Marate, de um Nero.

A velha deu um salto de terror, não se atreveu a entrar no cubiculo e galgou as escadas a quatro e quatro como um rato a que tivessem açulado um gato.

No dia seguinte, depois de ter sonhado toda a noite com roubos e assassinatos, correu ao cubiculo da porteira para ver se sabia quem era o novo visinho de figura de mata moiros — mas a parteira era surda

como uma porta e a velha ficou apenas sabendo que o inquilino do atelier era um artista.

Artista, para ella, queria dizer pintor ou esculptor.

Na realidade, o homem era um tragico; habitava um atelier porque, quando ensaiava os seus papeis, precisava de um espaço vastissimo. Não podia articular *Inferno* sem caminhar dez metros pela casa e *Damnação* sem correr para a rua.

Para estar continuamente na moldura dos seus papeis, mandou forrar o atelier de panno preto semeiado de lágrimas de prata. O tecto, tambem negro, era semeado de estrellas lividas. Caveiras e tibias cruzadas ornamentavam os cantos e a cada lado de um leito enorme e preto, que simulava um catafalco, onde o tragico dormia, dois grandes cirios amarellos illuminavam á noite, de um modo lugubre, aquelle recanto original mas pouco alegre.

Nos primeiros dias não ouvia uma mosca.

De quando em quando, a velha tremia ao ouvir choques espantosos que faziam estremecer toda a casa: era o tragico que batia com o pé no chão recitando versos; mas um dia abrindo a porta para ir buscar o seu jantar, ás seis horas, ficou tremula ouvindo uma voz cavernosa que gritava!!

Has-de morrer!!

A velha apurou o ouvido e olhou para todos os lados.

Has-de morrer! repetiu a voz com uma energia crescente.

A velha ia tendo um desmaio e, encostando-se ao corrimão, olhou para baixo. Sim, *has-de mor...r...rer!!!* uivou a voz.

D'esta vez a velha notou que as ameaças partiam do outro lado da porta do visinho. Era simplesmente o tragico que procurava uma intonação.

Não duvidando que se ia praticar um crime, a velha começou a tremer como uma compota de geleia e quiz correr a prevenir a policia, mas faltaram-lhe as forças e teve de se sentar durante alguns minutos nos primeiros degraus da escada.

De repente, a porta do atelier abriu-se; o olhar rapido que a velha deitou através dos seus oculos azues para o interior da casa do tragico, que saía, não lhe mostrou nenhum cadaver como ella esperava, mas, fazendo-lhe vêr os funebres quadros e as caveiras, o medo redobrou-lhe.

Ia para entrar em casa da porteira para lhe contar a sua descoberta, quando subitamente: *«Has-de morrer!»*, disse por traz d'ella a voz terrivel, silvando pelos dentes cerrados do tragico, que continuava a procurar a sua intonação.

A velha, espantada, fugiu para a rua.

O tragico, que seguia sem lhe prestar atenção, resmungou de novo o seu *«has-de morrer.»*

—Meu Deus, meu Deus, pensou a velha, é evidentemente a mim que elle quer assassinar.

E perdendo completamente a cabeça, subiu para um omnibus de Batignolles-Clichy. Odeou para fugir ao seu perseguidor. Havia justamente dois logares em frente um do outro no interior; a velha installou-se, suspirando enfim;—mas em frente d'ella, o tragico sentou-se por sua vez, com as feições contrahidas, os olhos flamejantes, mordendo de um modo terrivel o cabo do guarda chuva e movendo os labios para dizer as palavras fatidicas que só ella entendia: *Has-de morrer! Has-de morrer! Has-de morrer!*

O omnibus rodava, o tragico murmurava e a velha tremelicava.

Todo entregue ao seu estudo, o outro olhava para ella sem a vêr e fazia passar do medo ao espanto e do espanto á loucura; ella ouvia a terrivel ameaça no rodar do carro e no tilintar dos vidros; o tragico tomava aos seus olhos as proporções de um demonio; viu-o crescer, crescer, nascerem-lhe chifres na testa e os olhos injectarem-se-lhe de sangue... Quiz levantar-se para fugir, mas as pernas recusaram-se a caminhar; abriu a bocca para dar um grito; não sahiu senão um suspiro... Foi o ultimo.

A velha de figura de fuinha inclinou a cabeça para o peito, os oculos azues escorregaram-lhe para a ponta do nariz, e ficou assim, parecendo dormir.

E nos boulevards, o tragico, continuando a procurar a sua intonação, desceu do omnibus para ir tomar o habitual absintho, sem suspeitar que acabava de colher o mais bello triumpho que um tragico possa ambicionar.

(Traducção

Do Blanco y Negro).

Ouvir Estrellas

ORA direis: ouvir estrellas! Certo Perdeste o senso. E eu vos direi, no entanto, Que para ouvir-as muita vez desperto E abro a janella, pallido de espanto.

E conversamos toda a noite, emquanto,
A Via-Lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E ao vir o sol saudoso e em pranto,
Ainda as procuro pelo ceo deserto.

Direis agora: tresloucado amigo
Que conversas com ellas, que sentido
Tem o que dizem, quando estão comtigo?

E eu vos direi: amae para entendel-as,
Pois só quem ama pôde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

OLAVO BILAC.

Desdem affectado

EU conheço um sufficiente numero de villas e cidades onde o commercio é importante e a classe dos caixeiros é em numero consideravel, e na sua maior parte constituida por cavalheiros de conhecimentos intellectuaes e de enorme prestimo pessoal.

Mas que fazer-lhes? Não ha argumentos nem factos positivos que possam levar a sua indole á comprehensão nitida de que o principal esteio do desenvolvimento assenta, como base, no meio collectivo, e só d'ahi pôde sahir o germe suggestivo e decisivo, que rasgue um novo caminho pratico e nos garanta integralmente os nossos direitos.

Não se preocupam com movimentos em prol da classe, antes deitam um certo odio a tudo quanto seja bello e hum anario, deixando assim de beneficiar aquelles que sem instrucção a sorte os impelliu a adoptar a carreira commercial, espinhosa vida que sem duvida eu julgo um mar de melancolias, de tristezas e de lagrimas; mar, oceano immenso, indefinido, que eu vejo desenrolar a meus pés sem jámais lhe ver o seu fim, o seu *terminus*.

Eu bem sei que estas phrases doem aos cerebros que assim se conduzem, mas eu que já andei envolvido no numero d'aquelles que se desviam das suas obrigações sociaes, devo dizer-lhes que gastar a adolescencia e juventude em emprehendimentos extranhos ao movimento da classe, é a ruina de si proprio e vergonhoso á nossa posição social, ainda mesmo no estado pessimo em que accenta a classe n'essas terras. Se a nossa ambição fosse o amor pela união firme e inquebrantavel do caixeirato, de ha muito possuamos os nossos direitos e o progredimento da classe não se deveria a meia duzia de caudilhos, mas sim a todos os caixeiros em geral, pois que todos mais ou menos contribuiriam com o seu valor pessoal ou ainda coadjuvariam com o seu valor intellectual os que iniciam e tentam pôr em pratica qualquer objectivo que defenda ou instrua, deixando assim de dormir o somno da indifferença que, affectando os nossos interesses, paralisa o engrandecimento da classe.

Appellamos, pois, para esses collegas que abandonem o errado pensamento que seguem e consolidarem-se aos caixeiros de são criterio e decidida boa vontade, para unidos fazermos vibrar os nervos do nosso corpo social e libertal-o da paralytia que o invadiu. Ja não será muito cedo, mas tambem ainda é tempo para constituir associações que serão o orgulho da camaradagem e a solidariedade da classe. N'esta fé cega quem nos guia, e que a vida d'um cai-

xeiro explica, nós temos toda a esperança de triumphar.

Mas ail d'aquelles que esperam um futuro prospero e lhes apparece um tenebroso abysmo, uma ruina deploravel aos seus dias felizes. Então, dementados pedem recursos e com expressão sentimental dizem: Vou imigrar—conformando-se apenas com a benevolencia do destino. Isto acontece sempre áquelles que teem pouco senso e nenhuma pratica das infelicidades que torturam os desventurados da sorte.

A. A.

Interesses collectivos

I

Que é, afinal, o que pretendem os caixeiros portuguezes? Vá, não sejam massadores: digam-n'o d'uma vez?! Que pretendem?

Ora! o que pretendem?! Tudo e nada. E' verdade: tudo e nada!

Mas como se comprehende, por impossivel, que queiram duas coisas tão simultaneamente contradictorias e tão abertamente oppostas? Sim, como se comprehende que queiram tudo e queiram nada?!

...Pois é assim!

E farto estamos todos, ou, por outra, farto estou eu de lêr e ouvir tanta coisa, que por uma contumaz inconsciencia se tem escripto e dito, que cheguei á conclusão de que uns querem tudo e outros querem... nada!

E porque não?

Pois não vemos nós que aquillo que d'elles exclusivamente depende, para ahí continúa sem um compassivo esforço e que todo o barulho o guardam para estadeiar cá fóra onde todos oiçam e todos vejam?!

Gritos, gritos! Eu amo os gritos, e bebo o sangue d'um coração que se despedace a gritar! Mas gritos nem todos tem sabido dal-os!

Os gritos são para quem sabe...

Não ha ninguem que me demova d'esta teimozia inveterada: os caixeiros portuguezes, são os, unicamente, culpados do desinteresse que lhe ligam como força social.

Eu lhes írei dizendo lindas coisas, apanhadas n'esse tropel que ha uma porção d'annos se percorre atravez d'uma lucta ingloria, onde os que mais fizeram menos lhe teem merecido e os que mais desfazem mais incenso os bafeja!...

Adeante.

No desfiar infindavel de opiniões e no, ainda, mais infindavel, desejo de ambições, tudo são sentenças e tudo são querereres: tanto que aquella sapientissima

letrada a que chamam sabedoria das nações e que, na trajetoria do planeta passa por espirito perspicaz, ha muito que estabeleceu como affirmação dogmatica que—cada cabeça tem sua sentença... O que me parece não ser por mal, antes me parece certo visto serem tantas as sentenças que para ahí correm...

Ora seria das maiores desgraças, que algumas d'ellas não fossem também *sentenciadas* pelos que de penna na mão impingem tropos inflamados aos que tiveram a felicidade de aprender a ler e a infelicidade de vir para o commercio!

Desgraça das maiores seria, é bom que se fixe—não vá, conflagrar-se, ainda para cumulo de catástrophe, tudo o que é immaculado e puro n'este mundo de... sedas e chitas, de vidros e bacalhau, de parafuzos e confeitos, não vá, sim, não vá ainda conflagrar-se tudo que são forças vivas com cheiro a mortas—desde as associações á commissão de paz, e d'esta á mana do encerramento, até a federação, o que seria um sinistro rebate!...

Mau, mau; não vá ser o demonio...

Braga—Março de 1907.

A. G.

Bemvindo

Qs jornaes que, mercê de dedicações para reconhecer, se apresentam a pugnar pelos direitos de classes, numerosos embora, mas sem o indispensavel civismo que resulte em fraternal auxilio de vida, no conhecimento da sua representação e valor social, ou, ao menos, no justo sentimento da gratidão, teem que de principio preparar-se para defrontar com difficuldades de toda a especie, e com dissabores e entraves de todo o grau, allias é certa, dolorosamente certa, a decepção.

«A Luz do Caixeiros», cujo corpo redactorial é de orientação, tenacidade e valor, e que bem conhece o campo que pisamos e em que vivemos, tem a sua marcha naturalmente indicada: vae demandar asperezas, espalhando o melhor de seus esforços e desejos, e, confiante n'um dia de sãos principios, seguirá impávida, e com sinceridades, desejosa de concorrer para a perfectibilidade das condições em que está a classe que desinteressadamente quer defender e orientar.

Saudando o novo baluarte «A Luz do Caixeiros», estreitamos de reconhecimento a intrepida e benemerita Empresa toda collegas, nossos irmãos.

Braga.

RAUL GUIMARÃES.